



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís
Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização

Editora do Portal História da Psicologia
Rio das Ostras, RJ – Brasil
2024

Editor: André Elias Morelli Ribeiro

Capa: Lara Gomes

Edição e revisão técnica: André Elias Morelli Ribeiro

Para elaboração dos capítulos, os autores foram orientados a utilizar as normas da ABNT (NBR 6023/2018 e NBR 10520/2017). A correção ortogramatical e formato de redação são de responsabilidade dos autores. Em caso de republicação, os capítulos e os artigos mantêm sua formatação original.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão Braga CRB-7/6062

E96

Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro. / Rodolfo Luís Leite Batista, Cristina Lhullier organização. – Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, 2024. xxi, 560f.: il. (color.) : em PDF

E-book.

ISBN: 978-65-997325-3-9

Bibliografia

1. Psicologia - Brasil - História. I. Batista, Rodolfo Luís Leite (Organizador). II. Lhullier, Cristina (Organizador). III. Título.

CDD 150.981

Conselho editorial

André Elias Morelli Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiz Eduardo Prado da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cristina Lhullier, Rodolfo Luís Leite Batista.....IX

PREFÁCIO

Renato Sampaio Lima, Sérgio Dias Cirino.....XIX

PARTE I

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DA REFORMA BENJAMIN CONSTANT ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

*Luísa Xavier de Brito Silva, Walter Aristóteles Oliveira
Miez, Sérgio Dias Cirino, Rodrigo Lopes Miranda, Paulo
Coelho Castelo Branco, Erika Lourenço.....23*

O ENSINO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO NO INTERIOR DO MATO GROSSO DO SUL

*Letícia Martins Righi, Allana Patrícia da Silva, Maria
Eduarda Gregório dos Santos, Felipe Maciel dos Santos
Souza, Denise de Matos Manoel Souza.....61*

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Jacó Vilela, Filipe Degani Carneiro.....76

**NA BUSCA PELO ENSINO DE UMA HISTÓRIA
POLÍTICA E SOCIAL DA PSICOLOGIA: POR UM
NOVO LUGAR PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

André Elias Morelli Ribeiro.....108

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

*Rodrigo Lopes Miranda, Gabriela Syperreck Ramires,
Isabella Espíndola Rodrigues, Letícia Andrade
Herrera.....145*

**CONTEMPLAR O BELO PARA CONHECER O
HUMANO E SUAS RELAÇÕES AO LONGO DA
HISTÓRIA: ENRIQUECENDO A FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA POR MEIO DA ARTE**

*Roberta Vasconcelos Leite, Yuri Elias Gaspar, Marcelo
Augusto de Oliveira, Maria Gabrielle Coelho
Caldeira.....174*

**O USO DE PODCASTS NO ENSINO DE HISTÓRIA
DA PSICOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Erika Lourenço.....224

**O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE
VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

*Rodolfo Luís Leite Batista, Andrêza Reis da Silva,
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano.....247*

**O ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RELATO
DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO ORIENTADO,
EM GRUPOS E ACUMULATIVA**

Alcides José Sanches Vergara.....276

**O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE
PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E
1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A
EXTREMA-DIREITA HITLERISTA**

*Juberto Antônio Massud de Souza, Brenda Rodrigues
Marcelino Alexandre, Bruna Torrecilha Cessel, Diego
Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi, Letícia José
Pedrozo, Maria Eduarda Fiorini, Nathália Soares de
Lima.....298*

SABERES E FAZERES DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues.....333

**PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS E
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA**

Dener Luiz da Silva.....368

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes.....401

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos, Raphael Thomas Pegden.....441

PARTE 2

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA PARA CURSO DE GRADUAÇÃO

William Barbosa Gomes.....481

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RECURSOS PARA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E DE PSICÓLOGOS

Maria do Carmo Guedes.....496

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO DISCIPLINA DE MESTRADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Inês Rosa Bianca Loureiro, Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.....510

**ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
DESENHOS ANIMADOS: POSSIBILIDADES DE
NOVAS ARTICULAÇÕES**

Cristina Lhullier.....529

**NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**.....555

O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL

*Rodolfo Luís Leite Batista
Andrêza Reis da Silva
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano*

A biografia é um dos mais importantes gêneros historiográficos, sendo que as concepções e os usos sociais desses relatos têm se redefinido ao longo do tempo e assinalado as diferentes possibilidades de as pessoas lidarem com percursos pessoais. Os debates acadêmicos passaram a assumir as biografias como um tema de análise a partir da segunda metade do século passado e elas seguem ocupando espaço de destaque no cenário intelectual brasileiro. Em perspectiva mais ampla, há dicionários e enciclopédias que sumarizam a trajetória de grandes nomes do pensamento científico (BENJAMIN, 2007) e educacional (FÁVERO, BRITTO, 2002). Além da publicação de biografias (de personagens brasileiros/as ou não), o atual interesse pelo gênero também pode ser exemplificado pela recente publicação de duas obras de referência a respeito da pesquisa e escrita de biografias (CASTRO, 2022; LIRA NETO, 2022).

A biografia também é relevante para a pesquisa e o ensino de Psicologia. Dentre as publicações de cunho historiográfico produzidas a partir dos anos 2000, existem obras - escritas ou traduzidas para a língua portuguesa - relativas a personagens tradicionalmente destacados/as nesse campo de conhecimento, tais como

Sigmund Freud (ROUDINESCO, 2016) e B.F. Skinner (CRUZ, 2019), em âmbito internacional, e Nise da Silveira (MELLO, 2014) e Sílvia Lane (SAWAYA, PURIN, 2018), em contexto brasileiro. Ainda sobre intelectuais estrangeiros/as, há um livro que sistematiza a história da psicologia iberoamericana com base em autobiografias (KLAPPENBACH, LEÓN, 2014). Dedicadas particularmente a expoentes brasileiros/as, está um dicionário de precursores da Psicologia²⁸ no país (CAMPOS, 2001). A Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira publicou onze volumes²⁹ relativos a pessoas que tiveram atuação fundamental para a constituição e o estabelecimento dessa ciência e profissão no país. Também merece registro a iniciativa do Conselho Regional de Psicologia em São Paulo (CRP-06) que, no âmbito do Projeto História e Memória da Psicologia em São Paulo, produziu documentários a respeito da trajetória de pioneiros e pioneiras³⁰ de subáreas da psicologia naquele estado. Mais recentemente, foram editados volumes com autobiografias de analistas do

²⁸ Os verbetes do Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil - Pioneiros podem ser acessados online na Biblioteca Virtual da Saúde - Psicologia Brasil.

²⁹ De acordo com informações disponíveis no sítio eletrônico do Conselho Federal de Psicologia, os livros foram dedicados a Annita de Castilho e Marcondes Cabral; Antônio Gomes Penna; Dante Moreira Leite; Durval Marcondes; Eliezer Schneider; Franco Lo Presti Seminerio, Paulo Rosa e Mathilde Neder; Madre Cristina; Nise da Silveira; Raul Carlos Bricquet; Sílvia Lane; Ulisses Pernambucano. Era previsto um volume sobre Therezinha Lins de Albuquerque, Anita Paes Barreto e Padre Benkö, mas não foram encontradas informações sobre sua publicação.

³⁰ No sítio eletrônico do CRP-06, podem ser assistidos vídeos dedicados a: Maria Margarida de Carvalho, João Carvalhaes, Betti Katzenstein e Aniela Meyer Ginsberg.

comportamento (STRAPASSON, DITTRICH, CRUZ, 2021, 2022; STRAPASSON, DITTRICH, 2022).

Em relação às disciplinas de perspectiva histórica, é frequente que as biografias sejam utilizadas como “preâmbulo ao ensino de conteúdos científicos por meio da exposição de hagiografias de eminentes cientistas” em aulas ministradas durante os primeiros semestres de graduação (CRUZ, 2016a, p. 54). Todavia, o recurso pedagógico a biografias não deve ser entendido como uma prática laudatória ou se basear em concepções causalistas da História da Psicologia (ou de quaisquer outras ciências). A mirada crítica é fundamental para que personagens possam ser compreendidos à luz do contexto social em que viveu e construiu sua trajetória acadêmico-profissional.

Este capítulo apresenta a produção de documentários a respeito de personagens da psicologia brasileira como estratégia para o ensino de graduação. Essa prática pedagógica foi empreendida na unidade curricular “História da Psicologia: ciência e profissão”, ministrada no primeiro semestre letivo de 2019 para estudantes ingressantes em um centro universitário privado de São João del-Rei, Minas Gerais. Para tanto, este trabalho inicialmente apresenta algumas definições de biografia e discute seu uso para o ensino de História da Psicologia. Passa-se ao relato da experiência de ensino propriamente dita mediante a caracterização da instituição que acolheu a atividade, bem como a descrição das etapas para sua realização. Ao final, a partir da avaliação da estratégia por parte do professor-responsável e dos/as estudantes, delineiam-se algumas considerações para que as pessoas encontrem neste

relato uma sugestão para diversificar sua prática pedagógica.

ALGUMAS CONCEPÇÕES DE BIOGRAFIA E SEUS USOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

A biografia é “a narrativa escrita de uma vida humana” ou a descrição de eventos da trajetória e da obra de um personagem considerado relevante em certo contexto (CRUZ, 2016b, p. 143). O gênero biográfico se estabeleceu a partir da noção moderna de indivíduo, resultando na preocupação de se arquivar informações pessoais e registrar acontecimentos do cotidiano (LEMOS, 2016). A emergência da individualidade tornou os aspectos da vida privada tema de discussão e de análise coletiva. Dessa maneira, uma biografia pode ser compreendida como “a evidência mais elementar da profunda conexão entre as esferas pública e privada: somente quando estão articuladas essas esferas conseguem compor o tecido de uma vida, tornando-a real para sempre” (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 20).

A biografia é um dispositivo metodológico significativo para a realização de pesquisas e práticas de ensino, pois possibilita a (re)construção de fenômenos e processos históricos de grupos, comunidades e ciências ao focalizar trajetórias individuais. Nessa direção, conhecer percursos biográficos auxilia a identificar “os muitos eventos que afetaram nossas vidas e que continuam presentes na agenda atual” (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 19).

O uso de biografias (assim como diários, correspondências e autobiografias) é atualmente bastante recorrente no ensino de disciplinas de caráter

250

histórico, mas nem sempre recebeu a notoriedade merecida (GOMES, 2004). Em relação à História das Ciências, os relatos biográficos possibilitam conhecer as dinâmicas do meio científico - por exemplo, as relações e o apoio financeiro nas instituições acadêmicas, a construção de lideranças intelectuais, a aceitação social e as disputas internas de um campo de conhecimento e sua comunidade (CRUZ, 2016b). Muitas vezes,

... a literatura pedagógica da ciência recorre a biografias dos grandes homens - mulheres somente recentemente começaram a fazer parte da história da ciência como protagonistas - de modo a expor como a vida deles seria composta por uma série de episódios extraordinários, em que suas descobertas científicas são exaltadas justamente por violar as regras canônicas da ciência ... essa mesma literatura apregoa para os jovens cientistas que a boa e a aceitável prática científica resultaria exclusivamente do seguimento rígido de regras (CRUZ, 2016b, p. 151).

Em meados do século passado, as biografias eram rechaçadas da atividade historiográfica em favor do argumento de que “apenas as dimensões estruturais de longa duração seriam capazes de recuperar os grandes movimentos das sociedades em suas regularidades e permanências” (AVELAR, 2010, p. 158). O interesse por trajetórias individuais parecia, então, inadequado para se compreender processos históricos complexos. No entanto, considerando que os acontecimentos do passado resultam de ações de um ou mais indivíduos (isolados ou em grupos), em determinado tempo e com finalidades específicas, as biografias podem se configurar como uma estratégia de pesquisa e de ensino com uso justificado. Se os “eventos históricos representam formas de conduta”, as narrativas que estruturam realidades e organizações

sociais só se consolidaram por meio da ação de indivíduos que “vivem e escrevem no contexto de uma sociedade caracterizada por intenções, invenções e ideias” (BROŽEK, GUERRA, 2008, p. 5). Embora o enfoque econômico-social então emergisse como o eixo de análise predileto dos historiadores, o estudo de trajetórias individuais condensava fatores contextuais e escolhas pessoais em eventos de relevância histórica (AVELAR, 2010).

Vale informar que as biografias se destacam também porque elas por vezes publicizam memórias entendidas como privilegiadas, alçadas como modelos de referência, culminando no enaltecimento de cânones e heróis - e, menos frequentemente, heroínas (LE MOS, 2016). O processo de construção dos ditos grandes personagens das ciências não aconteceu de modo acidental; pelo contrário, o conhecimento científico tende a se estruturar a partir de um saber-fazer balizado exclusivamente por pressupostos ocidentais (GROSFOGUEL, 2016). Produzidas, validadas e difundidas por homens brancos, a fundamentação epistemológica de instituições acadêmicas ao redor do mundo procurou universalizar prioritariamente experiências a partir de países europeus (GROSFOGUEL, 2016).

Influenciada pela História Cultural do Conhecimento, essa mirada crítica também alcançou a historiografia da psicologia entre as décadas de 1960 e 1970, permitindo reconhecer que a trajetória de personagens de relevo nessa ciência e profissão se produziu em circunstâncias históricas, políticas, sociais e econômicas bastante determinadas (CRUZ, 2016b).

Dentre as críticas, está a objeção à concepção finalista e heroica, segundo a qual a trajetória das pessoas biografadas aconteceu em uma evolução linear e progressiva, que conduz à sua consagração excessiva (CRUZ, 2016b). Em resumo, avalia-se que:

... a biografia [pode ser] considerada como um instrumento responsável por mascarar estruturas ideológicas dominantes na produção do conhecimento psicológico que, entre outras coisas, legitima preconceitos e apaga o valor de sujeitos oriundos de grupos minoritários, envolvidos na própria produção do conhecimento psicológico (CRUZ, 2016b, p. 153).

Ao analisarem o ensino de História da Psicologia, Portugal, Facchinetti e Castro (2019) consideram que ainda prevalece uma visão equivocada da disciplina, baseada na sobrevalorização de nomes, datas e acontecimentos em detrimento de contextos sociais e processos históricos. Para esses pesquisadores, o modo de apropriação do conhecimento cristaliza a significação de marcos inaugurais e potencializa estratégias de aprendizagem inadequadas para o cenário contemporâneo, tais como memorizar e recitar informações (PORTUGAL, FACCHINETTI, CASTRO, 2019). Uma visão celebratória coloca o estudante em postura de contemplação e de passividade frente ao conteúdo estudado, que inibe as oportunidades de questionamento e de problematização acerca dos motivos que produziram certa narrativa em vez de outras possíveis (PORTUGAL, FACCHINETTI, CASTRO, 2019). De igual maneira, uma abordagem excessivamente cerimonial conduziria os estudantes a idealizar a vida e o cotidiano de cientistas, afastando-os da possibilidade

de se interessarem pelo cotidiano científico ou de virem a se dedicar ao trabalho acadêmico (CRUZ, 2016a).

Para Cruz (2016b, p. 161), “a incorporação da biografia ao campo historiográfico da psicologia promoveria a expansão da consciência histórica de seus praticantes”. Isso se daria porque os relatos biográficos criam condições para que estudantes conheçam trajetórias acadêmico-profissionais, bem como informam sobre a formulação de conceitos e projetos científicos de psicologia. Ao recorrer a biografias em sala de aula, é necessário que os personagens sejam apropriadamente contextualizados e abordados de modo não-anacrônico, evitando-se a construção de narrativas personalistas e laudatórias (PORTUGAL, FACCHINETTI, CASTRO, 2019). Esse cuidado aposta que os estudantes podem criar estratégias para analisar os usos indevidos da história desse domínio de conhecimento, desnaturalizar ideias fixas e contestar fatos (PORTUGAL, FACCHINETTI, CASTRO, 2019).

A discussão aqui delineada está articulada às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Psicologia³¹ (BRASIL, 2011). Esse documento aponta os fundamentos epistemológicos e históricos como um dos eixos da formação profissional, sendo que “o conhecimento das bases epistemológicas presentes na construção do saber psicológico [deve desenvolver] a capacidade para avaliar criticamente as

³¹ Em outubro de 2023, foram instituídas as mais recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. A experiência de ensino relatada neste capítulo aconteceu quando ainda vigoravam as DCNs de 2011, podendo também ser objeto de reflexão à luz do novo documento-orientador.

linhas de pensamento em Psicologia” (p. 2). É necessário conhecer as narrativas consolidadas acerca da constituição da Psicologia e atentar-se para os grupos que foram minorizados e/ou invisibilizados por ocasião do estabelecimento dessas *histórias*. Por exemplo, as mulheres tiveram (e têm) papel indispensável para a psicologia brasileira, mas nem sempre são objeto de pesquisas acadêmicas e reconhecidas como protagonistas do ensino universitário (LHULLIER, 2013).

Para que isso aconteça, o docente deve se encarregar da “escolha dos métodos apropriados para a indagação historiográfica acerca de um determinado tema, num determinado período de tempo, num dado contexto, no âmbito de sua área de estudos” (BROŽEK, CAMPOS, 2008, p. 40). A formação de competências e habilidades profissionais exige a desnaturalização dos processos históricos de constituição da Psicologia como ciência e profissão e encontra no estudo de biografias uma alternativa viável para o ensino-aprendizagem de conteúdos históricos. A perspectiva histórica desmistifica concepções que os estudantes trazem do senso comum, permitindo-lhes situar-se frente a diversidade teórica da Psicologia e perceber como elementos político-econômicos, étnico-raciais e de classe social, por exemplo, afetam o desenvolvimento de teorias e práticas psicológicas.

Inspirados pela afirmação de Schwarcz e Starling (2015) de que, na biografia,

... cabem os grandes tipos, os homens públicos, as celebridades; cabem igualmente personagens miúdos, quase anônimos. Em nenhum dos casos, porém, cabe tarefa simples: é muito difícil reconstituir o momento

que inspirou o gesto. É preciso “calçar os sapatos do morto”, na definição preciosa de Evaldo Cabral, conectar o público ao privado, para penetrar num tempo que não é o nosso, abrir portas que não nos pertencem, sentir com sentimentos de outras pessoas e tentar compreender a trajetória dos protagonistas dessa biografia no tempo que lhes foi dado viver; as intervenções que realizaram no mundo público de cada época com recursos de que dispunham; a determinação de viver segundo as exigências de seu tempo e não de acordo com as exigências do nosso tempo (p. 20),

e procurando superar “a distância entre a história da ciência ensinada e a história da ciência pesquisada” (CRUZ, 2016b, p. 161), na próxima subseção, é relatada uma prática de ensino em que se pretendeu conhecer a contribuição de personagens da psicologia brasileira a partir do enfoque biográfico.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA DE ENSINO

A prática de ensino aconteceu com estudantes de um centro universitário privado sediado em São João del-Rei, Minas Gerais. De acordo com seu projeto pedagógico, o curso de Psicologia está organizado em disciplinas (obrigatórias, eletivas e optativas), estágios supervisionados (básicos e específicos) e atividades complementares, dispostos em uma matriz curricular de dez períodos (CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, 2020). Essas unidades curriculares cobrem o núcleo comum e duas ênfases formativas, a saber “Psicologia, processos clínicos e atenção à saúde” e “Psicologia e processos psicossociais”. O documento mencionado assegura que:

Os conteúdos curriculares do Curso de Psicologia foram distribuídos ao longo dos dez períodos (5 anos) previstos para desenvolvimento do mesmo. Os conteúdos curriculares foram pensados considerando que o psicólogo, no desempenho de suas funções, deve fundamentar-se em conceitos, valores e teorias que lhe permitam o balizamento adequado de seu desempenho profissional. Por isso, considera-se indispensável à formação em Psicologia uma composição curricular que inclua o ensino de bases epistemológicas e históricas desta ciência, assim como de teorias, métodos, instrumentos e estratégias de trabalho, o ensino e a investigação dos fenômenos e processos psicológicos existentes (CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, 2020, p. 101, grifos nossos).

Em atenção aos eixos estruturantes elencados pelas DCNs, três disciplinas do núcleo comum são dedicadas particularmente aos fundamentos históricos e epistemológicos da Psicologia: “Filosofia” e “História da Psicologia: ciência e profissão”, lecionadas no 1º período, e “Bases Epistemológicas da Psicologia”, no 2º período. Ao serem ministradas no primeiro ano de graduação, pretende-se que o estudante conheça a constituição histórica e se capacite para analisar temáticas pertinentes e problemáticas enfrentadas por esse campo de conhecimento na atualidade (CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, 2020). Assim, o plano de ensino de “História da Psicologia: ciência e profissão” registra que a disciplina objetivava apresentar a Psicologia como ciência, disciplina e profissão, possibilitando ao/à estudante conhecer a constituição desse campo em âmbito internacional e brasileiro durante os séculos XIX e XX.

Para tanto, a unidade curricular dispunha de 66 horas, oferecidas em duas aulas semanais, em modalidade híbrida. O projeto pedagógico de curso enuncia que:

... o Curso de Psicologia também oferece disciplinas híbridas, as quais são compostas por uma parte presencial e uma parte em e-learning. A disciplina híbrida é distribuída em quatro módulos, cujos conteúdos são disponibilizados em plataforma virtual para estudo prévio do estudante (CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, 2020, p. 143).

Eram cinquenta horas (50h) presenciais e dezesseis horas (16h) de estudo programado de materiais disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem.

Em 2019, a adoção da modalidade híbrida havia sido proposta pela instituição, a fim de incentivar os docentes a recorrerem a métodos ativos de aprendizagem e outras estratégias pedagógicas ditas não-tradicionais. A sobrevalorização das denominadas metodologias ativas de aprendizagem tentava inserir o centro universitário em um cenário de inovação, estipulado pelo mercado de instituições de ensino superior privadas, sob o argumento de estímulo ao trabalho colaborativo e ao protagonismo de estudantes em sua formação. Em tal contexto, 31 estudantes recém-ingressantes e o professor-responsável pela unidade curricular produziram vídeo-documentários sobre personagens da História da Psicologia no Brasil.

APRENDENDO E ENSINANDO HISTÓRIA DA PSICOLOGIA A PARTIR DE BIOGRAFIAS: PASSO-A-PASSO DE UMA PRÁTICA DE ENSINO

Para que uma prática de ensino seja bem-sucedida, é preciso que o docente desenvolva uma estruturação didática adequada. De acordo com Libâneo (2013, p. 195), uma estruturação didática se refere ao conjunto de “etapas ou passos mais ou menos constantes que estabelecem a sequência do ensino de acordo com a matéria ensinada e as características do grupo de alunos e de cada aluno em situações específicas”. É desejável que o professor conheça profundamente o conteúdo a ser ministrado e medeie os aspectos relacionais e as características de aprendizagem de seus estudantes. Em síntese, Libâneo (2013, p. 198) elenca os seguintes passos didáticos “preparação e introdução da matéria; tratamento didático da matéria nova; consolidação e aprimoramento dos conhecimentos e habilidades; aplicação; controle e avaliação”. Tais etapas orientaram o planejamento da atividade reportada.

Esta experiência se deu durante o último módulo temático da disciplina anteriormente descrita, momento em que deveriam ser apresentados aspectos da constituição da Psicologia no Brasil entre os séculos XIX e XX. Para dar conta desse propósito, o professor optou pela apresentação de biografias de personagens de relevo da psicologia brasileira mediante a pesquisa e a produção de vídeo-documentários. Foram escolhidos Aniela Meyer Ginsberg, Helena Antipoff, Juliano Moreira, Lourenço Filho, Manoel Bomfim, Nise da Silveira, Sílvia Lane e Virgínia Bicudo. Embora nem todos os/as

personagens fossem brasileiros/as natos/as, parte significativa de suas trajetórias acadêmico-profissionais foram vividas no Brasil, tendo exercido significativo papel para a constituição dos saberes *psí* no país. Ressalta-se ainda que a presença de intelectuais estrangeiros/as caracterizou a psicologia brasileira no recorte temporal estudado (LOURENÇO FILHO, 2004). A seleção levou em conta aspectos étnico-raciais, de gênero e procurou contemplar a diversidade da psicologia brasileira, tendo sido escolhidas pessoas relacionadas ao campo educacional, do trabalho, da saúde mental e dos movimentos sociais.

A execução da atividade demandou aulas presenciais de diferentes semanas letivas, sendo que o professor as utilizou para apresentar a proposta de trabalho, supervisionar e acompanhar as ações dos estudantes e mediar o conteúdo. De igual maneira, os estudantes precisaram se organizar para o cumprimento de tarefas individuais e coletivas, em sala de aula ou não. Por exemplo, eles realizaram individualmente pesquisas em sítios eletrônicos e na bibliografia indicada pelo docente e compartilharam o resultado desse levantamento para a preparação do roteiro e a produção do vídeo-documentário. Em diálogo com as DCNs, esta prática de ensino buscou tornar o estudante protagonista de sua profissionalização, estimulando-o a práticas de pesquisa e de divulgação científica. Afora a aprendizagem do conteúdo programático, esta atividade pretendeu desenvolver competências e habilidades necessárias para o exercício profissional do psicólogo, tais como “saber buscar e usar o conhecimento científico”, “relacionar-se com o outro” e “elaborar relatos científicos”,

260

considerando as particularidades de recém-ingressantes na graduação (BRASIL, 2011, p. 3).

Para Libâneo (2013), o primeiro passo didático é a preparação e a introdução do conteúdo a ser ministrado. Essa etapa “compreende atividades interligadas: a preparação prévia do professor, a preparação dos alunos, a introdução da matéria e a colocação didática dos objetivos” (LIBANÊO, 2013, p. 198). Nela, o docente deve mobilizar a atenção e o interesse dos estudantes de modo a criar atitude favorável para o cumprimento da atividade. Nesta experiência de ensino, em data prevista no plano de ensino, o professor fez uma contextualização de aspectos gerais da História da Psicologia no Brasil a partir de texto-base indicado para leitura prévia (JACÓ-VILELA, 2012) e apresentou o gênero biográfico como uma alternativa útil para o estudo de aspectos histórico-sociais da ciência. Ele pretendia checar as informações já conhecidas pelos estudantes, relacionando-as ao conteúdo programático já estudado e levá-los a imaginar as trajetórias pessoais e acadêmico-profissionais dos personagens de relevo da psicologia brasileira. Em seguida, ele apresentou os objetivos da atividade prática, o planejamento para sua realização e os critérios avaliativos. Tais informações foram disponibilizadas em roteiro redigido pelo docente, a fim de que os estudantes pudessem acessar as orientações sempre que necessitassem. Depois da exposição feita pelo professor, os estudantes foram convidados a se reunir em grupos de trabalho, compostos por afinidade pessoal, para a

escolha do biografado³² e a organização inicial para consecução da tarefa.

A segunda etapa correspondeu à pré-produção do documentário mediante a pesquisa que subsidiou as ações de cada grupo, a elaboração do roteiro propriamente dita e a preparação dos estudantes para a gravação do vídeo. Em consideração às reflexões de Libâneo (2013), essa fase condensou o tratamento didático do conteúdo; a consolidação e o aprimoramento dos conhecimentos e habilidades; e a aplicação. Por se tratarem de recém-ingressantes, coube ao professor introduzir os estudantes ao levantamento de informações - indicação de bibliografia adequada, orientações sobre buscas simples e avançada, bases acadêmicas, riscos do plágio, etc. - e auxiliá-los na triagem e sistematização dos dados coletados. Graças a pesquisa individual e discussões com os colegas de classe, acompanhados pelo professor, os estudantes construíram seu conhecimento acerca do contexto histórico em que os personagens viveram, assim como identificaram acontecimentos de suas trajetórias que contribuíram para a psicologia brasileira em perspectiva teórica ou prática. Das discussões entre os integrantes do grupo e da possibilidade de checar as informações e receberem indicações do docente, surgiram “oportunidades de se estabelecer relações entre o estudado e situações novas” (LIBANÊO, 2013, p. 207).

³² Caso não haja decisão consensual entre os estudantes, sugere-se o sorteio de integrantes e/ou temas para cada grupo de trabalho. Nessa situação, cabe ao professor definir a melhor estratégia para mediar os conflitos que possam surgir em classe.

Mais tarde, cada grupo de graduandos esboçou um roteiro com os principais argumentos a serem abordados pelo documentário, tais como: a trajetória do personagem, sua produção acadêmico-intelectual, principais influências recebidas pela sua obra e contribuições para a psicologia brasileira contemporânea. Essas informações foram entregues ao professor em uma síntese escrita, devidamente referenciada, na qual também estavam indicadas estratégias técnicas para a produção do vídeo. O roteiro permitiu ao docente conduzir os estudantes em direção ao objetivo final da atividade, mediando os tópicos curriculares e estimulando-os à produção do documentário. Quando possível, ele socializou recursos tecnológicos de estúdio de gravação mantido nas instalações do centro universitário. Para Libâneo (2013, p. 201; 208), o professor deve auxiliar “os alunos a terem clareza dos resultados a atingir” e “prover oportunidades para os alunos utilizarem de forma mais criativa os conhecimentos, unindo teoria e prática e aplicando conhecimentos”, pois “a aplicação é a culminância relativa ao processo de ensino”.

Depois de encerrada a etapa de pré-produção, deu-se o terceiro momento da atividade prática: a gravação e edição dos vídeo-documentários. Ao longo das semanas disponibilizadas para que os estudantes trabalhassem autonomamente, eles organizaram as informações coletadas em um roteiro detalhado com as falas a serem gravadas. Para a redação desse *script*, os graduandos tiveram que interpretar e analisar as informações recolhidas, a fim de sistematizar o conteúdo e projetar estratégias para que ele pudesse ser

transmitido de maneira adequada e em linguagem acessível a diferentes públicos. As competências de organização, interpretação e análise das informações estão diretamente ligadas “à percepção dos objetos e fenômenos ligados ao tema, a formação de conceitos e o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas de observação, imaginação e raciocínio dos alunos” (LIBANÊO, 2013, p. 202).

Tendo em vista que os estudantes trabalhavam com informações de cunho histórico, a preparação do roteiro e a gravação do vídeo fizeram com que eles identificassem maneiras diversas de se narrar eventos históricos, compreendendo a posição assumida pelo pesquisador ao construir uma narrativa sobre um personagem, bem como tiveram que definir sua própria posição enquanto mediadores qualificados no vídeo-documentário. Dessa forma, a atividade, ao mesmo tempo em que colocava os estudantes em contato com o conhecimento histórico consolidado, permitia que eles percebessem os meandros da investigação histórica.

Os vídeos tiveram locação em diferentes ambientes, tais como o estúdio audiovisual da instituição de ensino, a residência dos estudantes e o centro histórico da cidade. O material registrado passou por montagem e edição, uma vez que a produção final deveria ter entre 15 e 20 minutos. Os estudantes poderiam recorrer a material audiovisual já existente, desde que devidamente referenciados sob risco de plágio. Ressalta-se que o professor-responsável deve se atentar a habilidades técnicas dos alunos para edição de imagens e vídeos. Nesta prática de ensino, a maior parte dos estudantes utilizou recursos próprios para a produção (por exemplo,

264

registro com os próprios *smartphones* e edição com aplicativos gratuitos disponíveis na internet). Caso o professor domine a dimensão técnica da atividade, ela poderá ser facilitada, evitando a sobrecarga dos estudantes que, além do estudo de conteúdo, tiveram que dar conta de aspectos operacionais.

Em data previamente estabelecida, os documentários foram exibidos em classe. Na oportunidade, os estudantes puderam discutir o processo de institucionalização da psicologia, como ciência e profissão no país, a partir dos personagens em tela. O estudo do conteúdo programático foi finalizado com uma síntese feita pelo professor a partir dos vídeos apresentados e da mediação dos questionamentos postos pelos estudantes.

Conforme Libâneo (2013), uma estruturação didática é concluída com a avaliação. Em suas palavras, “a verificação e o controle do rendimento escolar para efeito de avaliação é uma função didática que percorre todas as etapas do ensino e abrange a consideração dos vários tipos de atividade do professor e dos alunos no processo de ensino” (p. 209). A avaliação se deu de maneira contínua e processual, uma vez que os estudantes participaram de discussões em sala de aula, entregaram roteiros escritos e debateram com o professor estratégias para a realização do exercício, oportunidades em que o docente pôde acompanhar proximamente o desenvolvimento dos estudantes. Nesta prática de ensino, optou-se também que a avaliação fosse compartilhada entre professor e estudantes, garantindo a possibilidade de os alunos refletirem a respeito do próprio processo formativo.

Para tanto, foram construídas duas rubricas de avaliação. De um lado, os estudantes preencheram um formulário composto de perguntas-desencadeadoras de reflexão a respeito de seu processo formativo. Assim, eles puderam avaliar seu empenho pessoal, interação com o grupo, a participação do professor e a aprendizagem do conteúdo programático. Vale enfatizar que a autoavaliação não se restringiu a aspectos conteudistas ou qualidade do documentário, mas procurou analisar o desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, como mostra a figura a seguir:

Figura 1
Formulário de autoavaliação utilizado nesta prática de ensino



Metodologias Ativas
Autoavaliação – História da Psicologia

Questão	Sim	Em partes	Não
Empenho pessoal: participei de maneira colaborativa para a produção do vídeo?			
Realizei pesquisa de material para confecção do roteiro e produção de vídeo?			
Auxiliei ativamente na confecção do roteiro de vídeo?			
Particpei da produção técnica do vídeo – gravação e/ou edição?			
Interação com o grupo: conseguimos cumprir adequadamente o roteiro de trabalho proposto pelo professor?			
Todos os membros do grupo participaram ativamente da realização da atividade?			
Houve divisão de tarefas para que a atividade pudesse ser cumprida?			
Você se sentiu sobrecarregado em algum momento durante a confecção da atividade?			
Qual das estratégias abaixo listadas foi utilizada para a confecção da atividade?			
1. Criação de grupo Whatsapp			
2. Troca de e-mails e ligações por telefone			
3. Encontros e reuniões presenciais			
4. Outras: qual?			
Aprendizagem do conteúdo programático: conheço o tema apresentado no vídeo?			
A atividade realizada auxiliou a aprendizagem sobre o pioneiro da psicologia?			
Sou capaz de apresentar resumidamente o conteúdo trabalhado no vídeo para um colega de classe?			
Avaliação da atividade: esta atividade foi útil para minha aprendizagem?			
Escolha uma das alternativas a seguir:			

a. Tive dificuldades em realizar a atividade, que me impediram de aprender adequadamente o conteúdo.

b. Tive dificuldades em realizar a atividade, mas elas foram superadas e consegui aprender adequadamente o conteúdo.

c. Não tive dificuldades em realizar a atividade, mas não aprendi adequadamente o conteúdo.

d. Não tive dificuldades em realizar a atividade e aprendi adequadamente o conteúdo.

e. Outra resposta? Neste caso: comente abaixo:

Participação do professor: o professor contribuiu para a realização da atividade?			
O professor auxiliou na pesquisa de material para confecção do roteiro e produção de vídeo?			
O professor disponibilizou informações para a produção técnica do vídeo – gravação e/ou edição?			
A escolha de estratégia de metodologias ativas feita pelo professor mostrou-se adequada para a aprendizagem do conteúdo programático?			

Entre 0 (zero) a 5 (cinco), qual a nota você se atribui nesta autoavaliação? _____ pontos.

Caso essa atividade venha a ser realizada em outros momentos, quais comentários você considera pertinentes?

Autorizo a utilização do vídeo produzido em atividades pedagógicas a serem realizadas pelo professor e sua disponibilização em página online da disciplina, desde que devidamente registradas sua autoria e créditos?
 [] Sim
[] Não

Obrigado pela participação.

Fonte: As/os autoras/es (2019).

De outra parte, o professor avaliou as informações estudadas (trajetória e produção intelectual do personagem, suas influências e contribuições para a psicologia brasileira) e os critérios técnicos (participação dos integrantes, cumprimento do roteiro, tempo de duração, indicação de referências e criatividade) do documentário, registrando comentários e pontuando cada um dos itens conforme previamente acordado com a classe.

AVALIANDO O USO DE BIOGRAFIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES E DO PROFESSOR

Em se tratando da avaliação realizada pelos estudantes por meio do formulário disponibilizado pelo professor, constatou-se que, de 31 respondentes, 29 (93,54%) avaliam que a atividade não só auxiliou na aprendizagem sobre o/a pioneiro da psicologia pesquisado, mas também criou condições para que eles se engajassem no processo de ensino-aprendizagem. De maneira similar, 21 (67,74%) dos respondentes declararam serem capazes de apresentar resumidamente o conteúdo trabalhado no vídeo para qualquer colega de classe e dez (32,25%) fizeram menção de que conseguiriam realizar uma apresentação parcial desse conteúdo. Acerca da complexidade da tarefa, apenas um/a (3,22%) estudante respondeu ter tido algum impedimento para realizar a atividade, o que inviabilizou sua aprendizagem adequada do conteúdo; 20 (64,51%) mencionam uma dificuldade inicial para a consecução da atividade - especialmente, a produção e edição dos vídeos - superada ao longo das supervisões e orientações

do professor; e dez (32,25%) não demonstraram dificuldades em realizar a tarefa, aprendendo adequadamente o conteúdo.

Essas informações indicam a importância da mediação docente para a realização do audiovisual. A afirmativa é corroborada na análise quantitativa realizada, a saber: 24 (77,41%) estudantes consideraram que o professor auxiliou nas pesquisas de materiais para a confecção do roteiro e a produção de vídeo; 22 (70,96%) relataram que o professor disponibilizou informações para a produção técnica do vídeo - gravação e/ou edição, dois/duas (6,45%) não, cinco (16,12%) em partes e os demais não responderam; 27 (87,09%) acha que a escolha da estratégia de metodologias ativas feita pelo docente mostrou-se adequada para a aprendizagem do conteúdo programático, duas pessoas (6,45%) disseram que em partes e outras duas (6,45%) se abstiveram.

Na mesma direção, os estudantes também relataram não terem se sentido sobrecarregados durante a confecção da atividade, tendo em vista que 27 (87,09%) participantes relataram a boa divisão de tarefas. Desse modo, dos 31 respondentes, 26 (83,87%) realizaram a pesquisa de material para confecção do roteiro e produção de vídeo, enquanto cinco (16,12%) auxiliaram apenas em alguns momentos da atividade; 25 (80,64%) participaram ativamente na confecção do roteiro de vídeo e, em contrapartida, somente seis (19,35%) respondentes indicaram ter contribuído em partes para a elaboração do roteiro audiovisual; 25 (80,64%) cooperaram da produção técnica do vídeo - gravação e/ou edição, ao passo que quatro (12,90%) estudantes

268

mencionaram uma participação inferior na tarefa relacionada aos demais, e apenas duas pessoas (6,45%) afirmaram não terem participado em nenhum momento dessa produção.

Essa divisão de funções foi proporcionada considerando tecnologias de informação, como a criação de grupos no aplicativo WhatsApp e trocas de e-mails e chamadas telefônicas. Além disso, são mencionados também os encontros e reuniões presenciais, tanto para a confecção do roteiro quanto para a produção técnica do audiovisual.

De sua parte, o docente avalia que a produção de documentários para o ensino de História da Psicologia exigiu-lhe assumir uma postura crítica em relação ao conteúdo programático dessa unidade curricular, esforçando-se para que os estudantes acessassem a vida das/dos personagens biografados/as de maneira a inseri-las/los em seu contexto histórico. A atividade contemplou habilidades e competências profissionais para a/o psicóloga/o em situações rotineiras, que não se restringem ao domínio da unidade curricular, tais como os modos de pesquisar em bases de informações confiáveis, sintetizar informações técnicas e divulgá-las para o público interessado. Reconhece-se também as dificuldades de leitura de textos acadêmicos, demandando do professor estratégias para a socialização do conhecimento universitário e a disponibilização de um roteiro que auxiliasse na leitura do material consultado pelos estudantes. Para alcançar êxito na realização da atividade, é preciso que o docente considere as especificidades da turma em que leciona e as características da instituição onde está inserido.

Finalmente, é importante cuidar para a distribuição apropriada da pontuação em relação a outras tarefas do semestre letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo abordou a produção de documentários a respeito da biografia de precursores/as da psicologia brasileira como uma estratégia didática para o ensino de História da Psicologia em cursos de graduação. Considerando todas as etapas de realização e a análise realizada pelos estudantes e professor acerca da atividade, menciona-se o potencial que reside na interseção entre a Psicologia e a produção audiovisual. Em outros termos, ao ultrapassar os limites tradicionais do ensino superior, essa tarefa possibilitou aos estudantes desenvolverem habilidades e competências elementares para sua formação. A título de exemplo, menciona-se a capacidade de pesquisa detalhada do arcabouço conceitual e metodológico do/a personagem estudado; a análise crítica dos fatos históricos e das transformações sociais, culturais e políticas do contexto de emergência desse/a autor/a; a realização de sínteses dos conteúdos e seu compartilhamento em apresentações orais; o trabalho em equipe; o planejamento para o cumprimento das atividades e etapas de produção; dentre outros aspectos.

Vale mencionar que a produção de audiovisuais pode auxiliar na socialização dos saberes produzidos ao longo da graduação em Psicologia, ampliando os horizontes da educação superior. Se divulgado em sítios eletrônicos ou redes sociais vinculadas ao curso e/ou instituição e considerando uma linguagem mais acessível

nessa produção, a atividade pode servir tanto como instrumento pedagógico interno, quanto como uma ponte de divulgação sobre estudos da História da Psicologia para a categoria profissional, aos/às historiadores/as nas mais variadas áreas e aos demais públicos interessados.

Além disso, notou-se que, apesar dos obstáculos vivenciados pelos respondentes, sobretudo, ao que concerne a edição dos vídeos, é importante mencionar que essa atividade se encontrou (e se encontra) em consonância às demandas de metodologias ativas e utilização de ferramentas digitais, que constituem uma das premissas pedagógicas do centro universitário em questão, bem como da criação de formas de avaliação que reformulem as atividades convencionais utilizadas. É interessante mencionar que a atividade, realizada no ano de 2019, ocorreu um ano antes da ocorrência da pandemia da Covid-19. Desse modo, embora a maioria dos estudantes tenha mencionado dificuldades iniciais na produção e manuseio das tecnologias de edição, o recurso audiovisual auxiliou no desenvolvimento de aptidões que, no período de ensino remoto emergencial, configuraram-se como atividades utilizadas por docentes como formas de avaliação.

Espera-se que esta experiência de ensino possa inspirar a atualização de práticas didáticas para História da Psicologia, atendendo às mudanças pedagógicas sofridas pela educação superior sem relativizar a importância e a complexidade desse campo de conhecimento.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, n. 1, p. 157-172, 2010.

BENJAMIN, César. **Dicionário de biografias científicas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 15 de março de 2011**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a formação de professores de Psicologia. Brasil: Ministério da Educação, [2011]. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN52011.pdf?query=Brasil. Acesso em: 30 ago. 2023.

BROŽEK, Josef; GUERRA, Erlaine. Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brožek. *In*: FREITAS, R. H. (Org.). **História da psicologia: pesquisa, formação e ensino** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 10-26.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2001.

CASTRO, Ruy. **A vida por escrito: ciência e arte da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES. **Projeto Pedagógico de Psicologia**. São João del-Rei: Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves, 2020.

CRUZ, Robson Nascimento da. A biografia na historiografia da psicologia: questões teóricas e metodológicas preliminares. *In*: ASSIS, R. M.; PERES, S. 272

P. (Org.). **História da Psicologia: tendências contemporâneas**. Belo Horizonte: Artesã, 2016a., p. 51-69.

CRUZ, Robson Nascimento da. Biografia científica e pesquisa teórica da historiografia da psicologia. *In*: LAURENTI, C.; LOPES, C. E.; ARAÚJO, S. F. (Org.). **Pesquisa teórica em Psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos**. São Paulo: Hogrefe, 2016b. p. 147-165.

CRUZ, Robson Nascimento da. **B. F. Skinner - uma biografia do cotidiano científico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). **Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, num. esp., p. 28-43, 2012.

KLAPPENBACH, Hugo; LEÓN, Ramón (Org.). **História da Psicologia iberoamericana**. São Paulo: Vetor Editora, 2014.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. Diálogos entre História e Psicologia: a biografia na berlinda. **Revista Margens**, Abaetetuba, v. 6, n. 7, p. 123-133, 2010.

LHULLIER, Louise (Org.). **Quem é a psicóloga brasileira? Mulher, psicologia e trabalho**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2013.

LIBANÊO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora.

LIRA NETO. A arte da biografia: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. A psicologia no Brasil. *In*: ANTUNES, M. A. M. (Org.). **História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 71-108.

MELLO, Luiz Carlos de. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Automática, 2014.

PORTUGAL, Francisco Teixeira; FACCHINETTI, Cristiana; CASTRO, Alexandre de Carvalho. Por que fazer uma História Social da Psicologia? *In*: PORTUGAL, F. T.; FACCHINETTI, C.; CASTRO, A. C. (Org.). **História social da Psicologia**. Rio de Janeiro: Nau, 2018. p. 11-21.

ROUDINESCO, Élisabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. São Paulo: Zahar, 2016.

SAWAYA, Bader Burihan; PURIN, Gláucia Taís (Orgs.). **Sílvia Lane, uma obra em movimento**. São Paulo: Educ, 2018.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STRAPASSON, Bruno Ângelo; DITTRICH, Alexandre (Orgs.). **História da Análise do Comportamento no Brasil em autobiografias - Volume 3**. Curitiba: Juruá, 2022.

STRAPASSON, Bruno Ângelo; DITTRICH, Alexandre; CRUZ, Robson Nascimento da (Orgs.). **História da Análise do Comportamento no Brasil em autobiografias - Volume 1**. Curitiba: Editora da UFPR, 2021.

STRAPASSON, Bruno Ângelo; DITTRICH, Alexandre; CRUZ, Robson Nascimento da (Orgs.). **História da Análise do Comportamento no Brasil em autobiografias - Volume 2**. Curitiba: Editora da UFPR, 2022.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alcides José Sanches Vergara é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor aposentado da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alcidesvergara55@gmail.com.

Allana Patrícia da Silva é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: allana.silva445@academico.ufgd.edu.br.

Ana Maria Jacó Vilela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora-titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Anderson de Brito Rodrigues é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor-associado na Universidade Federal de Goiás. E-mail: andersondebritoarodrigues@ufg.br.

André Elias Morelli Ribeiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor na Universidade Federal Fluminense - Rio das

Ostras. Coordenador do projeto Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com.

Andrêza Reis da Silva é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com.

Arthur Arruda Leal Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: arleal1984@gmail.com.

Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: brendarmalexandree@gmail.com.

Bruna Torrecilha Cessel é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: bruna.cessel@gmail.com.

Cristina Lhullier é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências - Psicologia pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professor-adjunta na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clhullie@ucs.br.

Dener Luiz da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: densilva@ufsj.edu.br.

Denise de Matos Manoel Souza é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados. E-mail: denise.manoel@unigran.br.

Diego Duarte Ribeiro é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: diego.ribeiro042@academico.ufgd.edu.br.

Erika Lourenço é graduada em Psicologia e doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-associada na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com.

Felipe Maciel dos Santos Souza é graduado em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-associado na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br.

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano é graduada em Psicologia e mestre em Psicologia pela Universidade

Federal de São João del-Rei. Professora no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com.

Filipe Degani-Carneiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio Psyché. E-mail: filipe.degani@gmail.com.

Gabriela Syperreck Ramires é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: gabrielasyperreck@gmail.com.

Guilherme José Pavesi é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: guilherme.jose.p12@gmail.com.

Inês Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com.

Isabella Espíndola Rodrigues é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista Excelência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom

Bosco (PPGPsi-UCDB).
isarodrigues0205@gmail.com.

E-mail:

Juberto Antonio Massud de Souza é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Letícia Andrade Herrera é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: leticiaandradeh63@gmail.com.

Letícia José Pedrozo é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lelepedrozo@gmail.com.

Letícia Martins Righi é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: leticia.righi045@academico.ufgd.edu.br.

Luísa Xavier de Brito Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - Vitória da Conquista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisabrito14@hotmail.com.

Marcelo Augusto de Oliveira é estudante de Medicina na Universidade Federal dos Vales de

Jequitinhonha e Mucuri. E-mail:
marcelo.augusto@ufvjm.edu.br.

Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mvgama@hotmail.com.

Maria do Carmo Guedes é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Humanas - Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mcguedes34@gmail.com.

Maria Eduarda Fiorini é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br.

Maria Eduarda Gregório dos Santos é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:
maria.santos722@academico.ufgd.edu.br.

Maria Gabrielle Coelho Caldeira é graduada na Licenciatura em Pedagogia e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e mestranda em Ciências Humanas pela Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: mariagabriellecoelhocaldeira19@gmail.com.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marisatdsb@gmail.com.

Nathália Soares de Lima é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nsoares884@gmail.com.

Paulo Coelho Castelo Branco é graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Raphael Thomas Pegden é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rtpegden@gmail.com.

Renato Sampaio Lima é graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-associado da Universidade Federal Fluminense - Nova Friburgo. E-mail: renatosampaio@id.uff.br.

Roberta Vasconcelos Leite é graduada e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Rodolfo Luís Leite Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rodolfo.rl@ufjf.edu.br

Rodrigo Lopes Miranda é graduado em Psicologia e doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: rlmiranda@ucdb.br.

Sérgio Dias Cirino é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal de Minas Gerais Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.

Walter Aristóteles Oliveira Miez é graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: waltermiez@gmail.com.

William Barbosa Gomes é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University. É professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wbgomes@gmail.com.

Yuri Elias Gaspar é graduado e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

